A MEMÓRIA DO GESTO: A ESTÉTICA DA INTIMIDADE NAS OBRAS DE INÊS PEDROSA

Erivelto da Silva Reis¹

RESUMO

O objetivo do presente artigo é apresentar uma leitura sobre alguns aspectos percebidos na obra da escritora e jornalista portuguesa Inês Pedrosa. Para tanto, será utilizada como apoio teórico a obra *Entre mito e política* (2009), de Jean-Pierre Vernant, em confluência com alguns elementos teóricos sobre subjetividade e memória, apontados por Theodor Adorno nas obras *Notas de Literatura 1* (2003) e *Prisma* (2003), além de fragmentos de textos escritos por Herbert Marcuse (2007). Para tal, foi selecionado o texto “Só sexo”, um dos doze contos da obra *Fica comigo esta noite* (2007). Não obstante, é necessário destacar que o que norteia a investigação não são intimidades de natureza sexual, embora estas apareçam com relativo destaque na configuração da narrativa, mas a subjetividade que motiva a confissão, real ou simulada pela ficção, forma de exposição da própria intimidade a outro em condições específicas.

Palavras-Chave: Inês Pedrosa, Intimidade, Estética, Literatura Portuguesa.

ABSTRACT

The aim of the present article is to present a reading on some aspects perceived from the Portuguese journalist and writer Inês Pedrosa. To do so, this article will use as theoretical basis the book *Entre mito e política* (2009), by Jean-Pierre Vernant, along with some theoretical elements pointed out by Adorno in *Notas de Literatura 1* (2003) e *Prisma* (2003) and in some fragments of texts by Herbert Marcuse (2007). To do so, the short story “Só Sexo” was selected out of the twelve short stories from the work *Fica comigo esta noite* (2007). However, it is necessary to highlight that what guides the investigation do not come from sexual nature, although they appear with relatively emphasis in the narrative, but the subjectivity that targets the confession, real or simulated by the fiction, a way of exposing one self’s intimacy to another one under specific conditions.

Keywords: Inês Pedrosa, Intimacy, Eshetics, Portuguese Literature.

1. Introdução

[...] Se o romance quiser permanecer fiel a sua herança realista e realmente dizer como as coisas são, então ele precisa renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada, apenas auxilia na produção do engodo. [...] O impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece com algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais. (ADORNO, 2003, p. 57-58)

¹ Erivelto da Silva Reis é Mestre e doutorando em Letras Vernáculas pela Faculdade de Letras da UFRJ e Especialista em Estudos Literários pela CEPOPE/FIC-RJ. É professor, membro do Núcleo Docente Estruturante e coordenador de área do PIBID/FIC – P.A.A. – Projeto desenvolvido nas Faculdades Integradas Campo-Grandenses (FIC/RJ) com apoio da Capes. E-mail: eriveltoreis@yahoo.com.br

Intimidade. O mundo nasceu de uma conversa íntima. Travada, talvez de forma solitária, por um Deus onipotente, onipresente e onisciente que era tudo, estava em tudo e que se ouvia tanto de perto quanto de longe. O universo é a imagem do que a intimidade entre a razão e o amor pode criar, ou destruir.

Toda conversa é íntima. Mais do que isso, é discurso, narrativa. É a tentativa de ser íntimo e particular, e social e coletivo, paradoxalmente. A intimidade com as palavras não produz só discurso, produz Literaturas, diálogo particular com a alma das palavras, um lançar-se por sobre o abismo do íntimo dos sentidos e das emoções das pessoas.

Parte da história humana parece estar oculta pelo véu translúcido da intimidade. As sociedades evoluem, revolucionam (-se), mas os códigos da intimidade mantêm-se aparentemente os mesmos. A intimidade pode ser a pressuposição de relações de proximidade, afinidades, afetividades ou convergências resultantes de uma estrutura de interrelação concedida e/ou conquistada, percebida pela articulação das relações advindas de atos interacionais distintos.

No presente artigo, serão considerados quatro pontos propostos por nós, a partir da leitura das obras, e entendidos como fundamentais para a composição da caracterização da intimidade nas obras da escritora portuguesa Inês Pedrosa. Consideram-se, portanto: *proposta* (chamado à leitura de algo íntimo, estabelecimento da relação entre o personagem e o leitor); *pacto* (firmado mediante a natureza do tema, a configuração da (s) personagem (ns) e a estruturação da linguagem); *promessa* (pressuposição de que há ou haverá a revelação de um fato extremamente particular e íntimo, um espelhamento entre leitor e personagem, ou um desfecho aproximado de uma situação factível ou real com a possibilidade de fornecer subsídios ao leitor para enfrentar o mundo real) e *fruição* (a experimentação do prazer, da dor ou das sensações e emoções de viver, conviver ou reviver o drama ou o trauma íntimo revelado).

Entenda-se que as proposições relacionadas às bases para a percepção do estabelecimento da estética da intimidade não podem aproximar-se de uma obra de autoajuda, visto que não parece haver nas obras de Inês Pedrosa a intenção estética e/ou filosófica de consolar ou amenizar os traumas ou dramas, mas de colocá-los na ordem do dia e lançar sobre a intimidade de personagens um olhar que os mimetize e projete para as questões que interessam à sociedade, como uma grande metáfora que ressemantize as relações sociais. Ao passo que a autoajuda permaneceria ainda, e somente, no âmbito da intimidade que a consagrasse como um conceito válido apenas para aquele leitor que com ela se identificasse.

A intimidade é a alcova dos desejos, a ampuheta das tradições, a catapulta das revoluções. É a mola mestra da libido, do afeto e do desato. É a subjetividade da percepção do (co) existir. É a entrelinha revelada ou descoberta na arte da Literatura, nos bastidores de cada expressão de Arte. A intimidade é a chave da memória, o rascunho individual do coletivo do qual se (de) compõe a História.

Uma simples digressão sobre a extensão dos significados presentes no caráter das palavras pode levar o pesquisador ao espaço reflexivo da metalinguagem; a refletir sobre as relações entre a transposição do significado real da palavra “intimidade” e suas possíveis ressignificações na investigação do texto literário. E, embora não seja esse aspecto em particular, neste artigo busca-se, a partir da aproximação entre o conceito mítico da ideia de “intimidade” e de “Literatura”, chegar à proposição de que seria possível discutir o espaço da intimidade nos novos escritores portugueses, na ficção portuguesa contemporânea.

O objetivo do presente artigo é apresentar uma leitura sobre alguns aspectos percebidos na obra da escritora e jornalista portuguesa Inês Pedrosa. Para tanto, este artigo usará como apoio teórico a obra *Entre mito e política* (2009), de Jean-Pierre Vernant em confluência com alguns elementos teóricos sobre subjetividade e memória apontados por Theodor Adorno nas obras *Notas de Literatura I* (2003) e *Prisma* (2003) e em fragmentos de textos escritos por Herbert Marcuse (2007).

Para tanto, foi selecionado um dos contos de *Fica comigo esta noite* (2007), “Só sexo”. É importante mencionar, porém, que o norte da investigação não são intimidades de natureza sexual, ainda que apareçam com certo destaque na configuração da narrativa; o que se busca, efetivamente, é a subjetividade que motiva a confissão, seja ela real ou simulada pela ficção, forma de exposição da própria intimidade a outro em condições específicas.

Busca-se, durante toda a organização deste estudo, delimitar os espaços entre o que é a própria pesquisa como perspectiva crítica da Literatura e o que é subjetivo, artístico e literário. Jean-Pierre Vernant afirma em sua obra *Entre mito e política* (2009):

Ao agir, os homens sempre se esforçaram em representar as formas de sua ação e a natureza das realidades sobre as quais agiam. Sempre teorizaram mais ou menos essa ação: assim, encontramos todos os graus, todos os níveis da experiência: experiências mais ou menos conscientes, mais ou menos sentidas como tais. Devemos acrescentar que a experiência física nunca cobriu os campos das realidades às quais o homem pretende ter acesso. Muito ao contrário, ele mal distinguiu o material do social, o físico do canônico. [...] Ao mesmo tempo, a experiência social não se deixa integrar em um conjunto de realidades homogêneas. Existem tipos de experiência social que, para nossos meios atuais de análise, permanecem exteriores uns aos outros, constituem planos separados. Feitos de relações entre indivíduos, fatos econômicos, familiares, classes sociais, fatos políticos, religiosos etc., podemos supor que se condicionam reciprocamente, mas nós ainda não

conseguimos estabelecer uma física social que seja uniforme. (VERNANT, 2009, p.149-150).

Entende-se que a subjetividade tem sido marcante em diversas obras da Literatura Portuguesa contemporânea. Pode-se, ainda, considerar que o espaço da subjetividade ocorra na estruturação narrativa de textos que apresentem a vida interior dos personagens, o fluxo de consciência, os conflitos de natureza ética, moral, religiosa, sexual, cultural e social, além da memória como chave para ingresso no espaço do que é individual, íntimo e subjetivo. Considera-se, ainda, que o conjunto dessas subjetividades ficcionais de interação com a realidade permita uma nova percepção pela Ciência, pela História e pela Literatura do surgimento de um novo padrão de estética e o reposicionamento de elementos inerentes à sociedade portuguesa, sua (de) formação e sua evolução ao longo do século XX.

Nas palavras de Jean-Pierre Vernant (2009, p.175): “Os homens estão submetidos aos deuses como o criado, ao senhor do qual depende. Isso porque a existência mortal não basta a si mesma”. Percebe-se a relação íntima de cada indivíduo com conceitos anteriores mesmo à sua existência e/ou que nela interferem e compreendem, por sua própria complexidade, e com universos narrativos paralelos aos elementos externos e coletivos, dos quais, com cada vez mais interesse, a Literatura tem se preocupado. Dessa maneira, se poderia afirmar que conflito não é fora do ser ou personagem, ou decorrente de suas ações, o conflito é dentro, é o próprio ser ou personagem.

O presente artigo justifica-se, portanto, pela necessidade de investigar-se, por meio da Literatura Portuguesa contemporânea, a possibilidade da verificação de uma tendência, motivada pela percepção de uma recorrência que poderia ser entendida como uma nova estética, nomeada por nós, como proposta de pesquisa, de estética de intimidade. Leia-se Adorno:

O sujeito literário, quando se declara livre das convenções da representação do objeto, reconhece ao mesmo tempo a própria impotência, a supremacia do mundo das coisas, que reaparece em meio ao monólogo. É assim que se prepara uma segunda linguagem, destilada de várias maneiras do refugo da primeira, uma linguagem de coisa, deterioradamente associativa, como a que entremeia o monólogo não apenas do romancista, mas também dos inúmeros alienados da linguagem primeira, que constituem a massa. [...] O encolhimento da distância estética e a conseqüente capitulação do romance contemporâneo diante de uma realidade demasiado poderosa, que deve ser modificada no plano real e não transfigurada em imagem, é uma demanda inerente aos caminhos que a própria forma gostaria de seguir. (ADORNO, 2003, p. 62-63).

Entre outras características, a estética da intimidade seria entendida como a recorrência, no espaço de construção narrativa, de obras em que a subjetividade da memória de uma experiência individual ou ficcional dos personagens seja sobreposta ou motive, a partir de seus elementos, a ideia de configuração e reflexão social confrontando ou contextualizando a percepção de realidade. Segundo Jean-Pierre Vernant:

Em uma função como a memória, a fixação e a lembrança bruta das recordações tendem a ceder lugar a uma organização intelectual do passado. [...] A obra possui aspecto duplo. Como ato de criação ela parece individual. Como produto desse ato, como criatura, ela parece social. (VERNANT, 2009, p.144; 145).

Em outras palavras, a revelação de uma intimidade real ou ficcional, através da subjetividade, como se desenham e constroem os personagens e os seus conflitos, possibilitaria uma reconfiguração, pela Literatura, das percepções sobre a História da sociedade portuguesa contemporânea.

A hipótese para responder sobre a reconfiguração da Literatura Portuguesa contemporânea, especialmente das obras da autora Inês Pedrosa, em uma nova estética – a estética da intimidade –, é a de que o trauma do regime salazarista, a experiência presumida ou vivenciada da barbárie em África, durante o período da Guerra Colonial (1961-1964), e a percepção da colocação periférica de Portugal em relação à Europa, teriam conduzido os autores a narrar, de forma subjetiva, por meio da memória – real ou ficcional, linear ou fragmentada, vivenciada ou reconstruída –, do fluxo de consciência e da revelação do mundo interior de seus personagens.

Assim, não mais estaria no cerne do foco narrativo a influência do meio sobre o homem e os conflitos decorrentes dessa influência; mas, justamente, a influência do homem sobre o meio, a partir de sua percepção do mundo, do seu universo interior e dos conflitos

provenientes dessa relação. Haveria, portanto, uma reconstituição que incidiria sobre o modo de narrar e sobre as temáticas que seriam ressemantizadas se configurariam como uma nova estética. Leia-se Marcuse (2007):

Subjetividade é então universalidade, e o recurso a uma esfera privada é, na melhor das hipóteses, uma abstração. Essa abstração não é somente uma questão de pensamento, mas também de comportamento. Ela detém uma função social. Isso foi sempre ambivalente no Capitalismo: uma esfera de proteção necessária contra a desumanização e a desindividualização da vida nas relações cotidianas – mas também impotência, incapaz de prevenir a invasão das relações de troca dentro da esfera privada. Atualmente, o poder das relações de troca sobre a esfera privada está alcançando a perfeição: a identificação do indivíduo com os papéis que ele deve interpretar na sociedade. Por exemplo: a liberalização da moralidade sexual. Ela subjuga a esfera privada às relações de troca. Ela tende a tornar a outra pessoa um objeto de troca – dessublimação repressiva. Uma libertação genuína da esfera sexual é incompatível com a sociedade repressiva. (MARCUSE, 2007, p.153-154).

Compreende-se que a confecção das estruturas e das temáticas narrativas nas obras de Inês Pedrosa compõe um mosaico, um projeto de construção literária que tem se aprofundado e se expandido na busca da discussão de temas ligados à intimidade. Parece-nos emergente, na obra da autora, compor para a Literatura Portuguesa contemporânea, uma literatura que fale de uma memória interior e intensa não marcada preponderantemente pela memória resgatada de um conflito histórico externo. É como se afirmasse que a essência humana é a proximidade com o abismo, o conflito e a redenção.

Leia-se um fragmento da obra “Poesia lírica após Auschwitz”, de Herbert Marcuse:

Memória é um potencial da subjetividade (humana). O voltar-se para a subjetividade ocorre num contexto histórico e político muito específico: a continuidade do poder daqueles que foram responsáveis ou corresponsáveis por Auschwitz, e a aparente continuidade da impotência da Esquerda. A redescoberta do sujeito e da responsabilidade subjetiva poderia finalmente ser a negação daquele materialismo histórico [...] a literatura é um processo emancipatório no sujeito humano antes de se tornar um processo objetivo da mudança das instituições e das condições político-econômicas. E esse processo envolve toda a estrutura mental: consciência e inconsciência, intelecto e emoções, impulsos ansiando por objetificação. (MARCUSE, 2007, p.152).

Na Literatura Portuguesa contemporânea, entende-se que a Guerra Colonial e a opressão salazarista sejam marcos de transformação, ou ao menos, de reflexão sobre a configuração da arte e da sociedade, sobretudo, sobre a Literatura. Para relacionarmos o pensamento de Adorno, aliado à percepção de Marcuse, à subjetividade da estética da intimidade, verificada nas obras de Inês Pedrosa e proposta no presente estudo, é necessário ler as considerações de Jeanne-Marie Gagnebin no ensaio “Após Auschwitz”, publicado na

obra *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*: “O pensamento de Adorno sobre Auschwitz leva-o a tematizar uma dimensão do sofrer humano pouco elaborado pela filosofia, mas enfaticamente evocada pelos relatos dos assim chamados sobreviventes” (2003, p. 103). Nota-se que há vários estudos sobre a produção literária no século XX que elegem a Segunda Guerra Mundial, especialmente os horrores ocorridos no Holocausto de judeus europeus no campo de concentração nazista de Auschwitz, como ponto de reconfiguração não apenas de uma mudança estética, mas de uma mudança social. E que muitas das teorias e das construções a partir de então reagem aos estudos e às posições estéticas e ideológicas propostas por Adorno.

Ser íntimo num mundo pós-moderno não significa estar alienado. Ser um sobrevivente não significa necessariamente ter escapado da barbárie, mas não sucumbir a ela. É possível ainda escrever um poema, mas talvez já não seja possível imaginar, supor ou interpretar que a dor, as emoções, a memória e as sensações de um indivíduo (real ou ficcional) não nos permitam refletir sobre a história de outros e sobre a nossa própria história e condição.

2. Inês Pedrosa e os abismos da intimidade

A autora e jornalista Inês Pedrosa inaugura na literatura portuguesa contemporânea, um ciclo que pode ser chamado de *escrita da proximidade*. Uma forma de escrita sinalizada, não apenas pela estruturação de sua prosa, que aproxima os narradores dos leitores de suas obras de tal maneira, que estes acompanham e vislumbram situações, quase que apenas pelo olhar dos narradores-personagens.

Desde o lançamento de seus primeiros trabalhos, Pedrosa sinaliza com o que parece ser a intenção de construir um projeto narrativo que gravitaciona em torno de um tema: a intimidade. O tecido produzido por suas obras é urdido com as teias e artimanhas da intimidade. Entre os títulos de suas obras destacam-se: *A instrução dos amantes* (1992), *Nas tuas mãos* (1997), *Fazes-me falta* (2002), *Fica comigo esta noite* (Contos) (2003), *A eternidade e o desejo* (2007), *Os íntimos* (2010), *Dentro de ti ver o mar* (2012).

Seu projeto ficcional se constrói metaficcionalmente, explorando-se ora as fronteiras dos gêneros, ora os limites da linguagem, os interditos, as entrelinhas, as configurações metafóricas de axiomas, o ritmo poético que há na linguagem da prosa, a poesia dos silêncios adivinhados nas ações dos personagens.

É como se o narrador-personagem assumisse a função de um diretor de imagens que permite a exibição de cada cena a seu tempo, para que o espectador tenha tempo suficiente para apreciar uma interpretação, se emocionar com um drama, ou entender o humor ou a ironia; ou, simplesmente, comprar um produto. É ele, o diretor de imagem, quem escolhe o ângulo e a duração com que veremos cada cena. No caso dos narradores de Inês Pedrosa, eles permitem que o leitor vá fundo nas emoções, na busca dos personagens; permitem que os leitores se aproximem de seus dramas e se emocionem com eles.

Na obra de Pedrosa, o objeto de seus romances são os relacionamentos entre personagens que já estão ou estiveram próximos física e contextualmente e, a partir dessa situação, desenrolam-se as narrativas, contadas diretamente, ou através de recursos como diários, álbuns de fotografia, cartas, fragmentos de textos – uma forma metaficcional de narrativa –, narrativas espelhadas e volta ao passado pelo resgate da memória.

Assim, a autora inscreve seus romances sobre eixos de ações específicos, em um processo que, esquematicamente, poderia ser apresentado da seguinte forma: *proximidade – conflito – ruptura – abismo – reaproximação*.

Entendemos que a intimidade seria o vértice de um triângulo canônico de dialéticas, possíveis de verificar nas narrativas ficcionais criadas por Inês Pedrosa: amor-intimidade-ódio; vida-intimidade-morte; ficção-intimidade-realidade; memória-intimidade-história; paixão-intimidade-desejo; sedução-intimidade-sexo; encontro-intimidade-desencontro; razão-intimidade-emoção; prosa-intimidade-poesia; indivíduo-intimidade-sociedade. Além de eventuais ressignificações e recombinações possíveis.

3. Intimidade presentida: proposta, pacto, promessa e fruição

Conforme apresentado no início desse estudo, pretende-se estabelecer quatro pontos verificáveis como basilares para a verificação da estética da intimidade. A considerar: *proposta* (chamado à leitura de algo íntimo, estabelecimento da relação entre o personagem e o leitor); *pacto* (firmado mediante a natureza do tema, a configuração da (s) personagem (ns) e a estruturação da linguagem); *promessa* (pressuposição de que há ou haverá a revelação de um fato extremamente particular e íntimo, um espelhamento entre leitor e personagem, ou um desfecho aproximado de uma situação factível ou real com a possibilidade de fornecer subsídios ao leitor para enfrentar o mundo real) e *fruição* (a experimentação do prazer, da dor

ou das sensações e emoções de viver, conviver ou reviver o drama ou o trauma íntimo revelado).

Este estudo parte do princípio de que os conceitos de subjetividade na obra de Inês Pedrosa poderiam ser demonstrados não apenas em seus romances, mas também em seus contos presentes na obra *Fica comigo esta noite* (2007). Com o objetivo de realizar a análise em consonância com os conceitos apresentados, foi selecionado o conto que abre a obra, intitulado “Só sexo”.

É importante destacar os elementos estruturais da narrativa produzida no que, segundo a ótica e a orientação para este estudo, propõem-se como os pilares da estética da intimidade: proximidade, conflito, ruptura, abismo e reaproximação.

Da combinação dos pontos fundamentais – proposta, pacto, promessa e fruição – com os elementos estruturantes da narrativa – proximidade, conflito, ruptura, abismo e reaproximação – surgiriam as possibilidades de recombinação temática e organizacional dos textos ficcionais: *amor-intimidade-ódio*; *vida-intimidade-morte*; *ficção-intimidade-realidade*; *memória-intimidade-história*; *paixão-intimidade-desejo*; *sedução-intimidade-sexo*; *encontro-intimidade-desencontro*; *razão-intimidade-emoção*; *prosa-intimidade-poesia*; *indivíduo-intimidade-sociedade*, além de eventuais reconfigurações narrativas. Leiam-se, a seguir, trechos do conto “Só sexo” (2007), de Inês Pedrosa, antecedidos por uma divisão que pretenda demonstrar a aplicação dos conceitos apresentados ao longo do artigo. Destaque-se, ainda, que a íntegra do conto encontra-se nos anexos do presente artigo. Em linhas gerais, o conto relata, pela memória de uma mulher, personagem-narradora, sua relação erótico-afetiva com um colega de revolução no período salazarista, seu afastamento e seu reencontro quando esta se encontra a um mês da morte em função do câncer.

a) Proximidade / (Proposta) [*memória-intimidade-história*]:

Enquanto os nossos camaradas celebravam nas ruas, nós fabricávamos o amor a partir do zero, no deslumbramento silencioso de um deus que subitamente descobrisse as coisas de que era capaz. [...] A revolução já tinha chegado, mas nós não sabíamos. Só em Junho de 1974 se lembraram de nós, fechados naquela casa clandestina. [...] E tive-te, atrás do espelho, todas as manhãs da minha vida. [...] Adormeci todas as noites da minha vida nos teus ombros estreitos de adolescente eterno. (PEDROSA, 2007, p. 09)

No primeiro momento, o de *proximidade*, os personagens são apresentados, assim como a natureza inicial ou superficial das relações entre eles – e que os tornam mais próximos do leitor por suas profissões, ações, sentimentos, pelos seus axiomas (afirmações próximas da filosofia, que definem ou ilustram a maneira de vislumbrar ou de reagir diante de

determinadas situações), pelo contexto histórico em que se desenvolvem as histórias, pelo encantamento com os personagens.

b) Conflito / (Pacto) / [*encontro-intimidade-desencontro*]

Depois de sairmos de casa, deixaste de me procurar. Creio que te fazias encontrado comigo, mas como eu também me fazia encontrada contigo, nunca cheguei a ter a certeza de que, de facto, me procuravas. Repetir-me-ias muitas e muitas vezes que não eras talhado para a vida conjugal. [...] Só sexo, disseram-me as amigas íntimas, quando eu ainda chorava com elas a saudade do êxtase. Só sexo, fogo e palha, talvez tenham razão. Mas é disso que trata a vida, a minha vida: só sexo. Contigo. O prazer que o meu corpo conhece é o que aprendeu no teu, e foi esse que o meu corpo ensinou aos outros homens, aos vários em que tentou enganar a tua ausência, ao único que soube contornar a tua ausência para permanecer em mim. (PEDROSA, 2007, p. 11-12)

Na sequência, veem-se os *conflitos* decorrentes dessa proximidade, a qual, não necessariamente, significa igualdade, afinidade, compreensão e aceitação. Os personagens convergem e divergem, por estarem tão próximos, por confundirem suas ambições, por interferirem em suas buscas, pelos paradoxos da existência, pelas situações contextuais específicas que acabam por potencializar ou diluir os traços das personalidades dos personagens.

c) Ruptura /abismo (Promessa) [*sedução-intimidade-sexo*]

[...] Todas as noites me acaricio com os teus dedos, fecho os olhos e sugo os teus dedos sob o contorno dos meus e conduzo-te pelo meu corpo como tu me conduziás. Todas as noites rebolamos da cama para o chão e do chão para cima da cómoda do teu quarto e para a mesa da sala e para as lajes frias da cozinha, todas as noites percorremos abraçados a casa velha onde já não moras, a casa velha que se calhar já se desmoronou sem a nossa ajuda. Todas as noites tu entras em mim por todas as portas, a tua língua silenciosa desperta vertigens desconhecidas nas partes secretas das minhas orelhas e das minhas pernas e dos meus pés. [...] Só sexo, seja. (PEDROSA, 2007, p. 13).

Tem-se, ainda, a *ruptura*, que ocorre como um processo gradual produzido pelo desgaste dos embates, encontros e desencontros das personagens, pelas situações nas quais os personagens se veem envolvidos, por fatos históricos, ficcionalizados no decorrer das obras, ou por acidentes, tramas do destino, contra as quais os personagens pouco, ou nada, podem fazer, como se fossem aporias das quais os personagens, mesmo tendo como decidir, não o farão sem sofrer com as consequências de suas escolhas.

Da incapacidade ou da dificuldade em lidar com as situações que provocam conflitos e rupturas é que surge o *abismo*, momento em que os personagens distanciam-se do que seria a sua essência, de seus sonhos e objetivos – eventualmente, encontram-se com eles mesmos –, e distanciam-se do outro. Esses momentos são caracterizados por descobertas, por aspectos

fantásticos e metafísicos, pela preponderância de contextos históricos ficcionalizados que interferem, diretamente, na profundidade e na distância entre as margens do abismo.

d) Reaproximação (Fruição) [*razão-intimidade-emoção*]

[...] Conheci um homem que seria indigno trair, um homem que me seduziu porque era o oposto de ti. E decidi ser feliz. Sei vagamente onde moras, ou onde moravas, há cerca de cinco anos cruzei-me com a tua mulher numa festa [...] Os olhos da mulher de um homem que nos ama são indiscretos. Também nos olhos dela encontrei o teu amor por mim. Amor não é a palavra exacta. Amor é o que eu sinto pelos meus netos, pelos meus filhos, pelo pai deles, até pelo meu cão. Pobre cão. Se calhar vai deixar de comer quando eu morrer. Vai ficar sentado à porta, esperando por mim até à morte. Os cães não conhecem a morte, por isso podem morrer de amor. Ficam à espera até ao fim, não se deixam consolar. [...] Tu tens alma de cão vadio, sabes amar sem desconsolo. [...] desta febre azul a que os outros chamam só sexo. (PEDROSA, 2007, p. 15-18).

No momento da *reaproximação*, é que se percebe que, no espaço da relação entre os personagens, o que parecia afastá-los, marca sua existência, transforma suas vidas e os identifica como partícipes ficcionais da História, que é utilizada como pano de fundo dentro da construção ficcional.

O universo individual masculino e feminino, a singularidade e a pluralidade de um em todos e de todos em um, a história vista pela memória, a trajetória pessoal íntima, em acordo ou desacordo com a figura pública de um ou de vários indivíduos, permeiam o espaço ficcional das obras de Inês Pedrosa.

Sua linguagem, plena de axiomas, metáforas, epifanias filosóficas e existenciais, numa prosa, por excelência poética e intimista, discorre sobre a condição humana num conflito interno que deságua na postura social. O entre-lugar não é a viagem, não é a trajetória, não é o deslocar-se: é o próprio existir em si e para o outro.

Referências

ADORNO, Theodor W.. **Notas de Literatura 1**. Traduzido por Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34. 2003.

_____. “Crítica à cultura e à sociedade”. In.: _____. **Prismas**. Traduzido por A. Wernet e Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

BAKHTIN, M.. **Estética da criação verbal**. Traduzido por Paulo Bezerra. Prefácio à edição francesa: Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CLAUSSEN, Detlev. “A banalização do mal: sobre Auschwitz, a religião do cotidiano e a teoria social”. Traduzido por Rodrigo Duarte. In: Cadernos de estética aplicada. Revista eletrônica de estética. Viso. ISSN 1981-4062 Nº 12, jul-dez/2012. <http://www.revistaviso.com.br/>.<Acessado em 25 de agosto de 2014>.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Após Auschwitz”. In.: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. São Paulo: UNICAMP, 2003.

LINS, Ronaldo Lima. **Violência e literatura**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1990.

MARCUSE, Herbert. **Lyric Poetry after Auschwitz**. Tradução de Russel Berman. In: _____. *Art and Liberation: Collected Papers of Herbert Marcuse*. Editado por Douglas Kellner. New York: Routledge, 2007, p. 211-217. In: “Poesia lírica após Auschwitz, de Herbert Marcuse”. Artigo de Tradução de Luís de Gustavo Guadalupe Silveira. Revista.doc | ISSN 1982-8802. Ano X | nº 7 | Janeiro/Junho 2009. p.149-159.

PEDROSA, Inês. **Fica comigo esta noite**. São Paulo: Planeta, 2007.

VERNANT, Jean-Pierre. **Entre mito & política**. 2. ed. Traduzido por Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2009.